

## EDITORIAL

**S**E, COMO NOTA Bachelard (1938/1996), “o conhecimento do real é luz que sempre projeta algumas sombras” (p. 17), há momentos desafiadores na história humana em que as sombras parecem bem maiores do que a claridade. Em tais circunstâncias, quando as crises se aprofundam, torna-se mais evidente a articulação entre o tempo histórico da realidade e o tempo lógico do discurso científico que opera conjuntamente na produção do conhecimento e no desenvolvimento da ciência. Da mesma forma, ganha relevo a necessidade de inter-relações entre múltiplos saberes para a superação de problemas cada vez mais complexos e globais.

É nessa perspectiva que deve ser lida, em grande medida, esta nova edição de **MATRIZES**, na qual pesquisadores de diferentes contextos, com abordagens e temáticas diversificadas, dirigem suas reflexões a questões prementes da contemporaneidade. Isso se coloca de maneira explícita nos dois artigos iniciais do **Dossiê**, que abordam, sob ângulos diferentes, a questão mais premente do tempo atual: a pandemia da Covid-19. Assim, em **A complexidade da comunicação**. **A comunicação da complexidade**, Piero Dominici nota que o vírus representa uma espécie de *ecossistema de emergência* que precisa ser enfrentado a partir da complexidade, em uma abordagem sistêmica, ao mesmo tempo, multi e interdisciplinar. A pandemia é apenas uma das muitas condições de emergência que caracterizam as sociedades atuais; a comunicação é outra, para o autor, até mais relevante, pois é a partir dela que as organizações procuram gerir o risco e as situações de crise/emergência/incerteza. No artigo seguinte, a relação entre coronavírus e comunicação ganha um contorno mais sociológico, por meio da discussão proposta por Christian Fuchs, em **Vida e comunicação cotidianas no capitalismo da coronavírus**, sobre alternativas (progressistas e conservadoras) para o enfrentamento da crise e as reconfigurações no espaço social, na vida e na comunicação cotidianas provocadas pelo vírus, analisando, ainda, a comunicação de narrativas de conspiração e notícias falsificadas ligadas à Covid-19.

Na continuidade do **Dossiê**, o artigo de Nico Carpentier – **Comunicando o conhecimento acadêmico além do texto acadêmico escrito: uma análise**

**autoetnográfica do experimento da instalação** Mirror Palace of Democracy – desenvolve instigante reflexão sobre a possibilidade da discussão política e da realização de investigações científicas que estejam, ao mesmo tempo, relacionadas à arte, em diferentes vertentes e estilos que apontam para uma identidade híbrida da comunicação acadêmica-artística. Também numa perspectiva voltada ao tema da produção do conhecimento, José Luiz Braga, em **Teorias intermediárias: uma estratégia para o conhecimento comunicacional**, defende uma analítica voltada à descoberta de características do fenômeno comunicacional, com base na elaboração de teorias intermediárias da comunicação, sistematizando estratégias para tanto. Concluindo o **Dossiê** desta edição, Maurício Ribeiro da Silva, no artigo **O eclipse do imaginário: imaginário instrumental e redução da potência imaginativa das imagens**, propõe e operacionaliza, a partir do diálogo com Gilbert Durand e Max Horkheimer, o conceito de *imaginário instrumental* na análise de registros imagéticos do carnaval e da publicidade.

Na **Entrevista** deste número, com João Canavilhas, realizada por Aline Tainá Amaral Horn e Myrian Regina Del Vecchio de Lima, o investigador português discorre sobre as transformações que vêm ocorrendo no jornalismo, no ambiente contemporâneo da cultura midiática digital, bem como sobre o atualíssimo da desinformação.

Na seção **Em Pauta**, Cíntia Sanmartin Fernandes e Micael Herschmann, em **Música, sons e dissensos: a potência poética feminina nas ruas do Rio**, apresentam experiências *artistas* que inserem na pauta cotidiana da cidade do Rio de Janeiro temáticas como a cidadania, o gênero, o pós-gênero, o racismo, o machismo, a heteronormatividade e a violência, elaborando, conforme os autores, territorialidades e dissensos significativos. Em seguida, o artigo **Crítica e contágio: comunicação assignificante em Lazzarato e Preciado**, de Demétrio Rocha Pereira e Alexandre Rocha da Silva, esboça paralelos entre as ideias de Maurizio Lazzarato e Paul B. Preciado, com a preocupação de pensar em alternativas de investigação que levem em conta a tradução de operações assignificantes específicas.

Um eixo de pesquisa analítico, crítico e atual é adotado nos dois artigos seguintes: **Ethos roqueiro, rasuras e conflitos políticos na turnê de Roger Waters no Brasil**, de Jonas Pilz, Jeder Silveira Janotti Junior e Thiago Pereira Alberto, e **A raça e o gênero da estética e dos afetos: algoritmização do racismo e do sexismo em bancos contemporâneos de imagens digitais**, de Fernanda Carrera, ambos esclarecedoras discussões dos fenômenos mencionados nos títulos dos trabalhos. Também com preocupações empíricas, a partir, no caso, de uma abordagem etnográfica, Aline Meriane do Carmo de Freitas e Fábio Fonseca de Castro, em **Formas sociais, comunicação e tipificações do afeto**

**numa torcida de futebol**, discutem processos socioculturais comunicativos numa torcida de futebol paraense a fim de compreender a construção social de sensibilidades e os sentidos que envolvem os torcedores.

Dando continuidade à seção, o artigo **Meios de comunicação na territorialização do capital**, de Janaina Visibeli Barros, atualiza a discussão sobre os grandes conglomerados midiáticos e suas ramificações, demonstrando as dinâmicas econômicas e políticas que orientam a territorialização dessas organizações. Já em **Narrativas da memória como dispositivo: A Sirene e a luta contra o esquecimento da tragédia do Fundão**, Mozahir Salomão Bruck e Herom Vargas analisam, sob uma perspectiva comunicacional, o traumático evento de destruição de comunidades em Mariana (MG), devido ao rompimento da Barragem do Fundão, em 2015. Por fim, encerrando a seção, Carina Ochi Flexor discute, no artigo **Sobre a natureza da mídia e os protocolos de leitura do livro digital**, as implicações da materialidade dos livros-aplicativos na experiência da leitura, com resultados que salientam o papel da mídia nas transformações dessa prática em ambiente digital.

Finalizando o número, a **Resenha** feita por Larissa Leda F. Rocha é sobre o último livro de Néstor García Canclini, **Ciudadanos reemplazados por algoritmos** (2019), no qual o autor discute novas formas de participação e reivindicação, ao mesmo tempo em que alerta para a perigosa combinação da opacidade dos algoritmos e da transparência dos dados cedidos às empresas de tecnologias pelos usuários.

Desejamos que todos apreciem este novo número de **MATRIZES**. ■

Maria Immacolata Vassallo de Lopes  
Roseli Figaro  
Richard Romancini  
Luciano Guimarães

## REFERÊNCIAS

Bachelard, G. (1996). *A formação do espírito científico*. Contraponto. (Obra original publicada em 1938)